

A Covid-19 e a necessidade emergencial de se pensar sobre como se deseja o próprio fim



Natália Carolina Verdi

A pandemia da Covid-19 trouxe ao mundo uma necessidade emergencial sobre se pensar a respeito de como se deseja o próprio fim. Falar de morte é algo difícil, ainda que seja esta a única certeza que todo ser humano carrega consigo desde o nascimento com vida. Não se pode falar de morte perto de crianças porque as traumatiza, perto dos mais velhos porque é de extremo mau agouro, socialmente se evita abordar o tema porque é uma postura de gente vista como infeliz e/ou desequilibrada.

Mas, se pararmos para refletir, nunca foi tão necessário se falar de morte, sobre como se deseja morrer, sobre como se pensa o próprio fim. Se você, caro leitor (a), nunca parou para pensar nisso, seja por qual motivo for, o convido a fazer isso neste momento. E se não estiver preparado, agradeço por sua atenção até aqui. Até o final deste texto acredito que será inevitável imaginar a si próprio como alguém que é humanamente finito.

Ainda que os tempos sejam difíceis, que uma grande maioria de pessoas esteja buscando dentro de seus universos particulares, leituras leves, entretenimentos e diversão nas poucas horas que sobram, após as longas e árduas atividades diárias, e que falar de morte seja a última coisa que se pretenda fazer, principalmente se ela for a própria, peço que pare e reflita.

Sugiro que faça isso para que ninguém escolha por você, para que sua autonomia seja respeitada até o seu último suspiro, para que sua dignidade humana seja efetiva e eficaz até o último dia de sua vida terrena, para que você tenha respeitada, na maior integralidade possível, sua identidade biográfica, e por mais todas as razões que você possa se permitir levantar. Os últimos dias vividos pela humanidade, mundo afora, em virtude da pandemia do Coronavírus, colocaram em xeque a continuidade da vida com dignidade.

Inúmeros são os casos de pessoas que por conta da pandemia se viram longe do que esperavam, do que tinham planejado, projetado e perseguido para si, diante de uma grande catástrofe que ceifou sonhos e que vitimou milhares de pessoas que nunca se imaginaram sendo hospitalizadas e submetidas às técnicas mais invasivas, contrárias à tudo o que elas acreditavam, que não queriam ter morrido em hospitais, que não se imaginaram, nem no seu pior pesadelo, ser um número, de um corpo, dentro de um caminhão que carregava centenas deles para um enterro coletivo e sem despedidas.

Ausências de vagas em centros de terapia intensiva, usos de medicamentos sem efetiva comprovação científica, intubações, enterros aos que desejaram uma cremação, mas que não tiveram tempo de deixar isso registrado ou de dizer isso para alguém, ausências de despedidas das famílias e dos amigos, etc.



Independentemente da idade, de onde ou de como se vive, do uso das mais variadas técnicas que buscam amenizar os problemas decorrentes do Coronavírus. O que se sabe é que uma vez detectado a pessoa diagnosticada tem necessidade de isolamento, hospitalar ou doméstico, e que, em alguns casos, é seguida por uma repentina e igualmente isolada morte, precedida de técnicas que foram aplicadas sem que ninguém perguntasse ao doente se ele as aceitava ou não, seja porque ele já não tinha mais condições de responder à qualquer pergunta, seja porque anteriormente não deixou nada consignado a respeito do que desejaria ou não para si em situações similares. Ou seja, para quando não pudesse se manifestar sozinho.

Esta pessoa a quem nada se questiona, porque impossibilitada de se manifestar, é alguém que anteriormente não falou nada a respeito do que desejaria para si próprio diante da iminência da morte: se aceitaria o uso de medicamentos ou de técnicas sem comprovação científica, se aceitaria ser intubado, se desejaria um sepultamento ou uma cremação ou qualquer coisa relacionada à própria finitude, e o sentido da vida.

Muitos nem sabem ser esta escolha possível. Como a morte é negada, o indivíduo não tem informação a respeito da legalidade das escolhas no momento final, pois jamais imaginou e se conscientizou da realidade da própria finitude.

Muitos desconhecem terminologias técnicas, e não encontram justificativa para dizer aos seus médicos o que fazer ou não diante da morte, com medo de julgamentos ou do desconhecido. Desconhecem que isso pode e deve ser feito

por ele e considerado pelo profissional, e que o médico deve fazer constar em cada prontuário a vontade daquele paciente, após esclarecê-lo sobre as consequências de suas escolhas e repassar todas as orientações necessárias.

Para muitos, neste momento, não houve muito tempo para estes esclarecimentos. A forma abrupta como o vírus invadiu o mundo e lotou unidades de terapia intensiva, acabou ceifando vidas sem deixar margem temporal para qualquer tipo de esclarecimento ou escolha consciente. E aqueles que não tinham pensado, decidido e deixado consignado os desejos para o próprio fim, sofreram e continuam a sofrer, mundo afora, atos praticados contra sua vontade e desejos.

Quem já parou para pensar se aceitaria uma medicação que não tem comprovação científica quando a morte for destino certo? Refletiu se quer algum dia ser intubado? Sabe o que cada uma destas coisas significa? Conhece as consequências de suas escolhas? Sabe se quer ser enterrado ou cremado? Já pensou se quer velório, se gostaria de flores, ou se acha tudo desnecessário? Já falou sobre isso com alguém? Já pensou no próprio fim, principalmente em um momento como esse.

É absolutamente necessário que se comunique, aos mais próximos, os desejos finais; que converse com o médico sobre os medos, para que se tirem as dúvidas e se firmem as certezas; para que se deixe registrado o que quer para si, escolhendo os caminhos a serem trilhados quando a finitude se aproximar, e não for mais uma conjectura oriunda da única certeza que cada ser humano tem desde o seu nascimento com vida.

Diretivas Antecipadas de Vontade

O Brasil ainda não faz uso relevante do documento *Diretivas Antecipadas de Vontade*, mas esta epidemia indica o quanto elas são necessárias.

É urgente compreender a importância dos desejos manifestados por uma pessoa capaz, que os exterioriza e os deixa registrados, para quando estiver na condição de paciente e incapacitada de expressar sua vontade. Consideramos importante desenvolver estudos, realizar pesquisas, esclarecer a população a elaborar estas Diretivas, trazendo mais segurança de vida, e não apenas o amparo a uma morte digna, tão iminente a todo aquele que vive. Elas proporcionam, igualmente, segurança ao profissional que fará ao seu paciente o que foi por ele escolhido, de maneira esclarecida, em respeito aos seus valores e biografia.

Ao optar por um *Testamento Vital* ou por um *Mandato Duradouro* - espécies das Diretivas Antecipadas de Vontade - está valorizando o ser biopsicossocial que é até o último dia de sua vida. A autonomia e a dignidade humana são direitos que acompanham a todos, do nascimento à finitude, e saber o que se deseja para o próprio fim é a medida mais acertada. É necessário pensar, falar e buscar por Diretivas Antecipadas de Vontade de maneira urgente, de modo a garantir uma melhor participação social, de acordo com necessidades, desejos e capacidades daquele que vive e que, porque vive, precisa e merece escolher, em respeito à singularidade que cada vida representa.

É preciso propiciar proteção, segurança e cuidados adequados a todo aquele que faz escolhas, para que as faça de maneira convicta e esclarecida sobre o melhor no momento da própria finitude. Conversar com seu médico, procurar seu advogado, falar com seus familiares e amigos, ler e refletir sobre o tema, ainda que seja a coisa mais difícil que você fará na vida.

Procure decidir o que é melhor para você, de acordo com suas convicções, sem interferências, achismos, suposições, conjecturas. Deixe registrado o que deseja para ser o autor de sua biografia, até o capítulo final, em um exercício amplo de autonomia, dignidade e preferências respeitadas, de modo consciente e esclarecido.

Opte pelo caminho que melhor lhe parecer e tenha em mente que a finitude é inegável, e Covid-19 deixou isso muito claro ao mundo inteiro - e a necessidade de pensar a respeito de como se deseja o próprio fim.

Data de recebimento: 15/06/2020; Data de aceite: 15/06/2020

Natalia Carolina Verdi - Advogada, bacharel em direito pela Universidade São Judas Tadeus. Especialização em Direito Médico, Odontológico e Hospitalar pela Escola Paulista de Direito. Especialização em Direito da Medicina na Universidade de Coimbra. Mestre em Gerontologia Social pela PUC-SP. É professora convidada de cursos de pós-graduação e palestrante nas áreas do Direito e da Gerontologia. OAB/SP 237.141. E-mail: nvadvogada@gmail.com